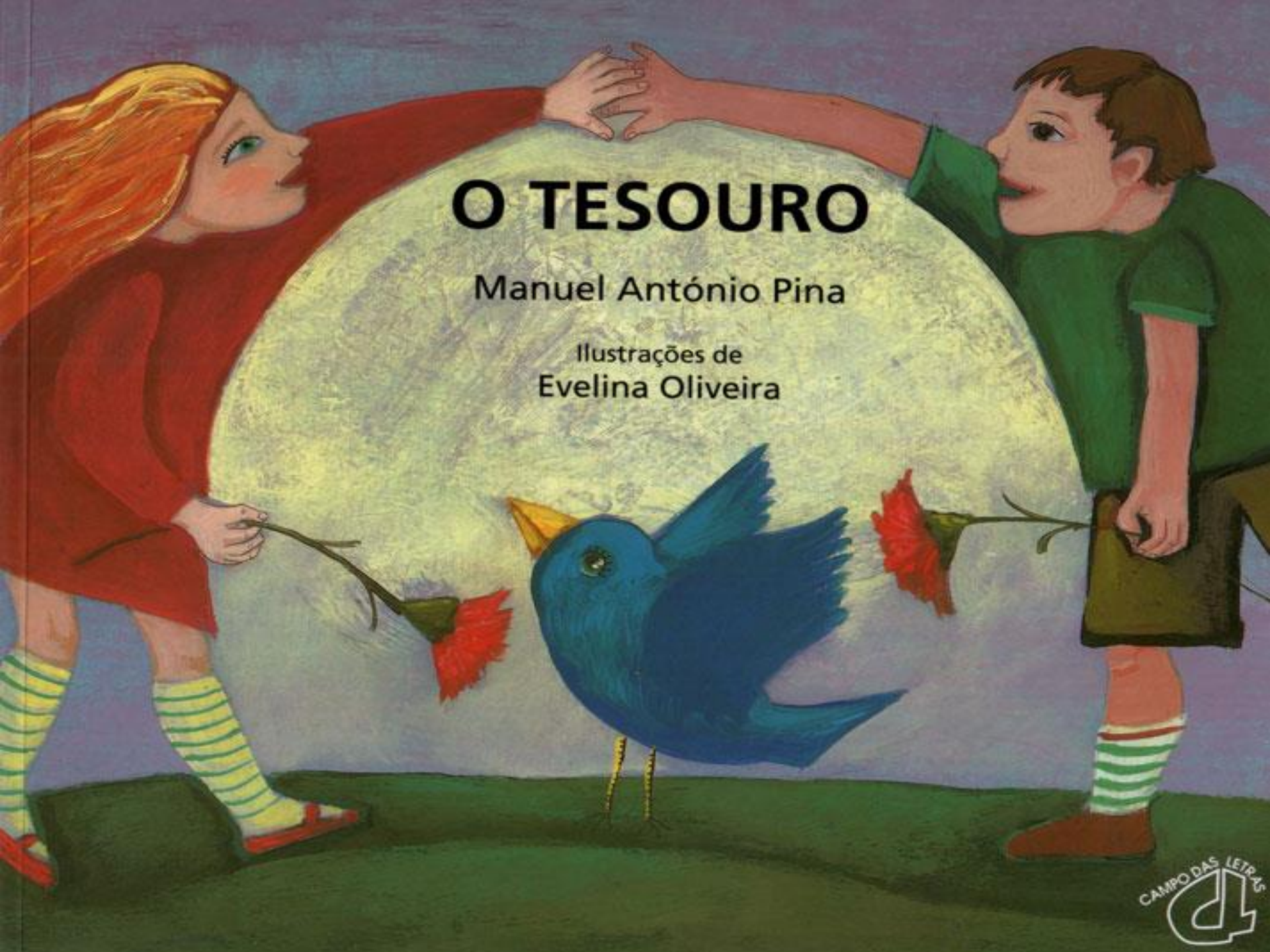
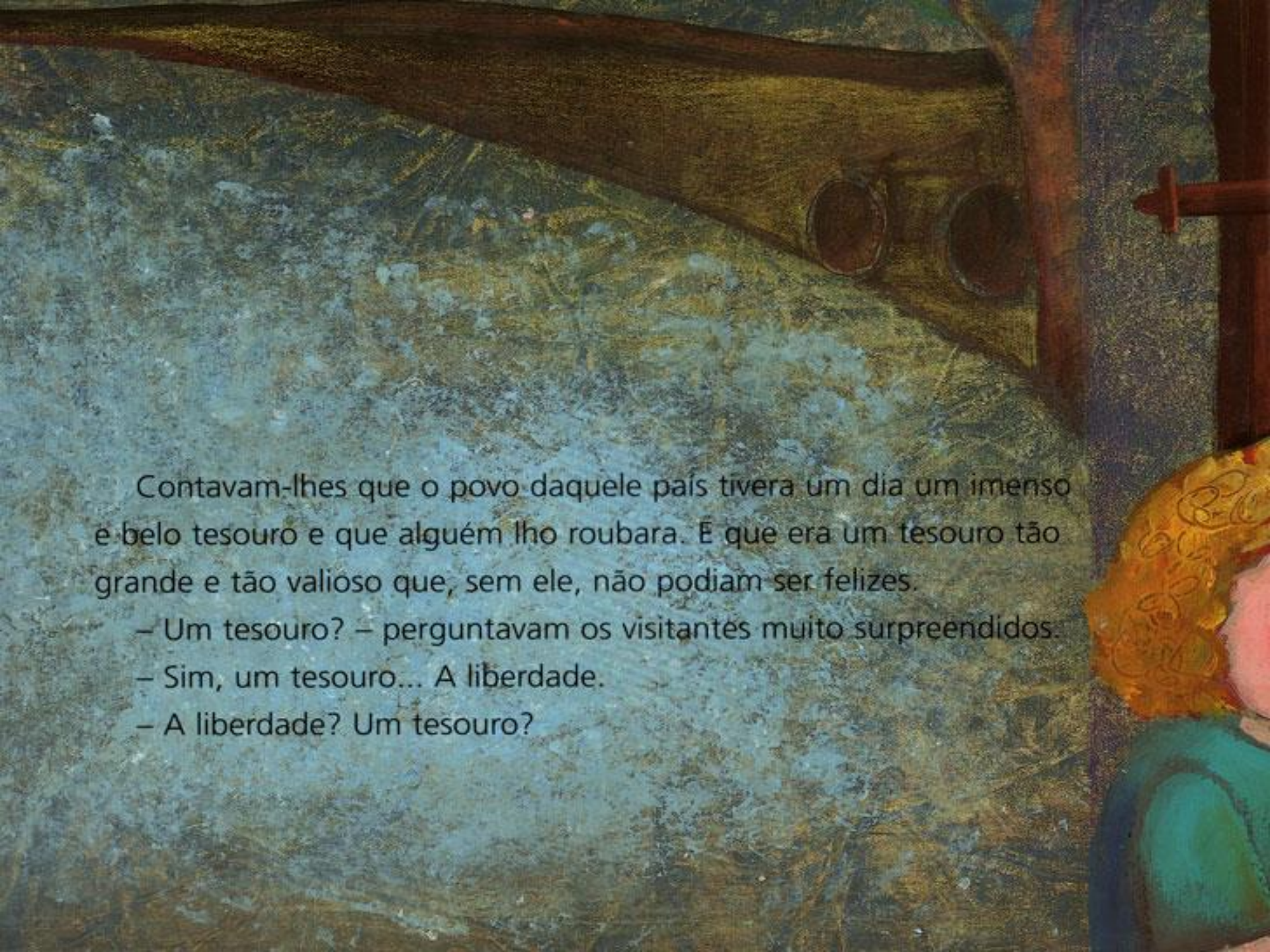

O TESOURO
Manuel António Pina
Ilustrações de
Evelina Oliveira
CAMPO DAS LETRAS

Há muitos anos, num país muito distante vivia um povo infeliz e solitário, vergado sob o peso de uma misteriosa tristeza. O céu era alto e azul, os campos férteis, o mar e os rios cheios de peixes e de vida, as cidades quentes e luminosas, mas as pessoas que passavam entreolhavam-se com olhos tristes, caminhando apressadamente e sumindo-se dentro das casas; e quando se encontravam umas com as outras, nos cafés, nos empregos, na rua, falavam baixo, como se alguma coisa, um segredo terrível, as amedrontasse.

Quem, vindo de outras terras, chegava ao País das Pessoas Tristes, não compreendia. As pessoas eram boas e afectuosas e aparentemente só tinham motivos para ser felizes. Mas, quando lhes faziam perguntas, as pessoas afastavam-se e não respondiam, ou mudavam delicadamente de assunto pedindo desculpa.

Às vezes, porém, os visitantes demoravam-se mais tempo, e depressa faziam amigos, porque era muito fácil fazer amigos naquele país. E esses amigos levavam-nos então a suas casas e, depois de terem trancado bem as portas e fechado todas as janelas, revelavam-lhes o segredo da sua tristeza.



Contavam-lhes que o povo daquele país tivera um dia um imenso e belo tesouro e que alguém lho roubara. É que era um tesouro tão grande e tão valioso que, sem ele, não podiam ser felizes.

– Um tesouro? – perguntavam os visitantes muito surpreendidos.

– Sim, um tesouro... A liberdade.

– A liberdade? Um tesouro?

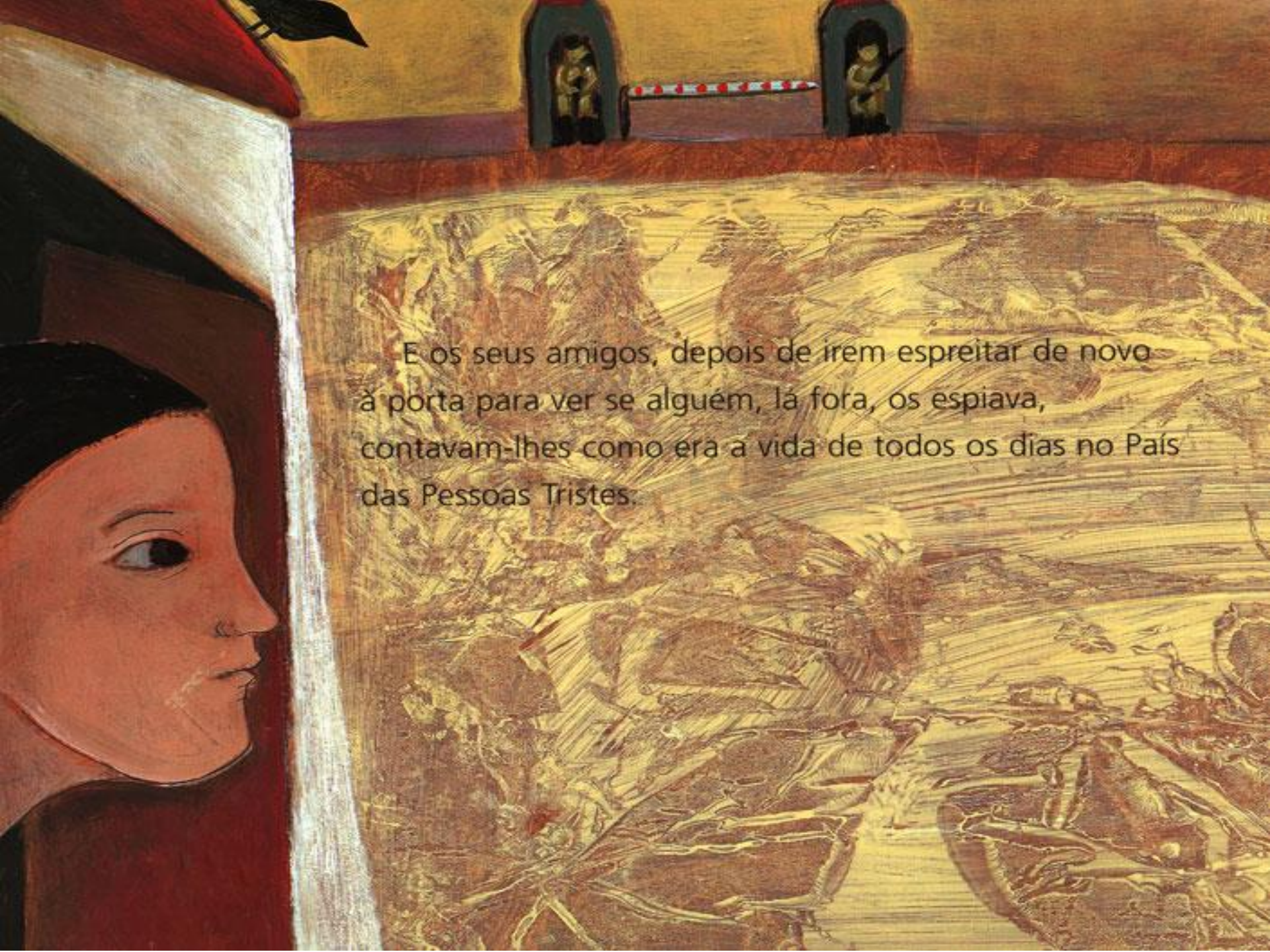
Os visitantes não queriam acreditar porque, nas suas terras, a liberdade era uma coisa comum, quase sem importância. Toda a gente era livre de fazer o que quisesse desde que não fizesse mal a ninguém, e isso era tão normal que as pessoas nem davam pela liberdade. Eram livres do mesmo modo que respiravam e ninguém dá conta de que respira, respira e pronto.

– Sim, a liberdade é como o ar que respiramos – diziam-lhes os seus novos amigos tristemente. – Só quando nos falta, e sufocamos cheios de aflição, é que descobrimos que, sem ele, não podemos viver...

– E como pode alguém viver sem liberdade? Como é possível?

Então explicavam-lhes: naquele país as pessoas não podiam fazer o que queriam, nem podiam dizer o que pensavam ou o que sentiam, nem, como eles, partir e visitar outros países e conhecer outros povos, viviam fechadas no seu país como se ele fosse uma prisão. Nem sequer podiam contar esse segredo a ninguém, porque seriam presas, ou até mortas.

– Mas isso deve ser uma grande infelicidade! – diziam os visitantes.
– Não admira que vocês estejam sempre tão tristes!



E os seus amigos, depois de irem espreitar de novo à porta para ver se alguém, lá fora, os espiava, contavam-lhes como era a vida de todos os dias no País das Pessoas Tristes.

Havia polícias por toda a parte, não polícias bons, que orientam o trânsito e prendem os ladrões, mas polícias para vigiar as pessoas e impedir que elas falassem entre si; polícias nas fronteiras para não as deixar sair; até polícias que abriam as suas cartas e ouviam as suas conversas para descobrir o que diziam e o que pensavam, e que as perseguiam e lhes batiam se elas não dissessem nem pensassem o que eles queriam que dissessem e que pensassem.

Os meninos do País das Pessoas Tristes não podiam ouvir as músicas, nem ver os filmes, nem ler os livros e as revistas de que gostavam, mas só as músicas, os filmes e os livros que não eram proibidos. Nem sequer podiam beber Coca-Cola, porque a Coca-Cola também era (ninguém sabia porquê) proibida!

As raparigas e os rapazes não podiam conversar nem conviver uns com os outros e tinham que andar em escolas separadas e brincar em recreios separados por muros e por grades. As raparigas não podiam vestir calças nem andar sem meias, era também proibido; e os rapazes, quando cresciam, eram mandados para horríveis guerras em países longínquos e obrigados

a matar gente que não conheciam e que nunca lhes tinha feito mal nenhum, e muitos deles morriam lá ou regressavam loucos ou estropiados.

– Mas porque é que vocês não votam em governantes que acabem com todas essas coisas más e que vos restituam a vossa liberdade, o vosso tesouro? – estranhavam os visitantes.

– Porque nós também não podemos votar!

Era espantoso:

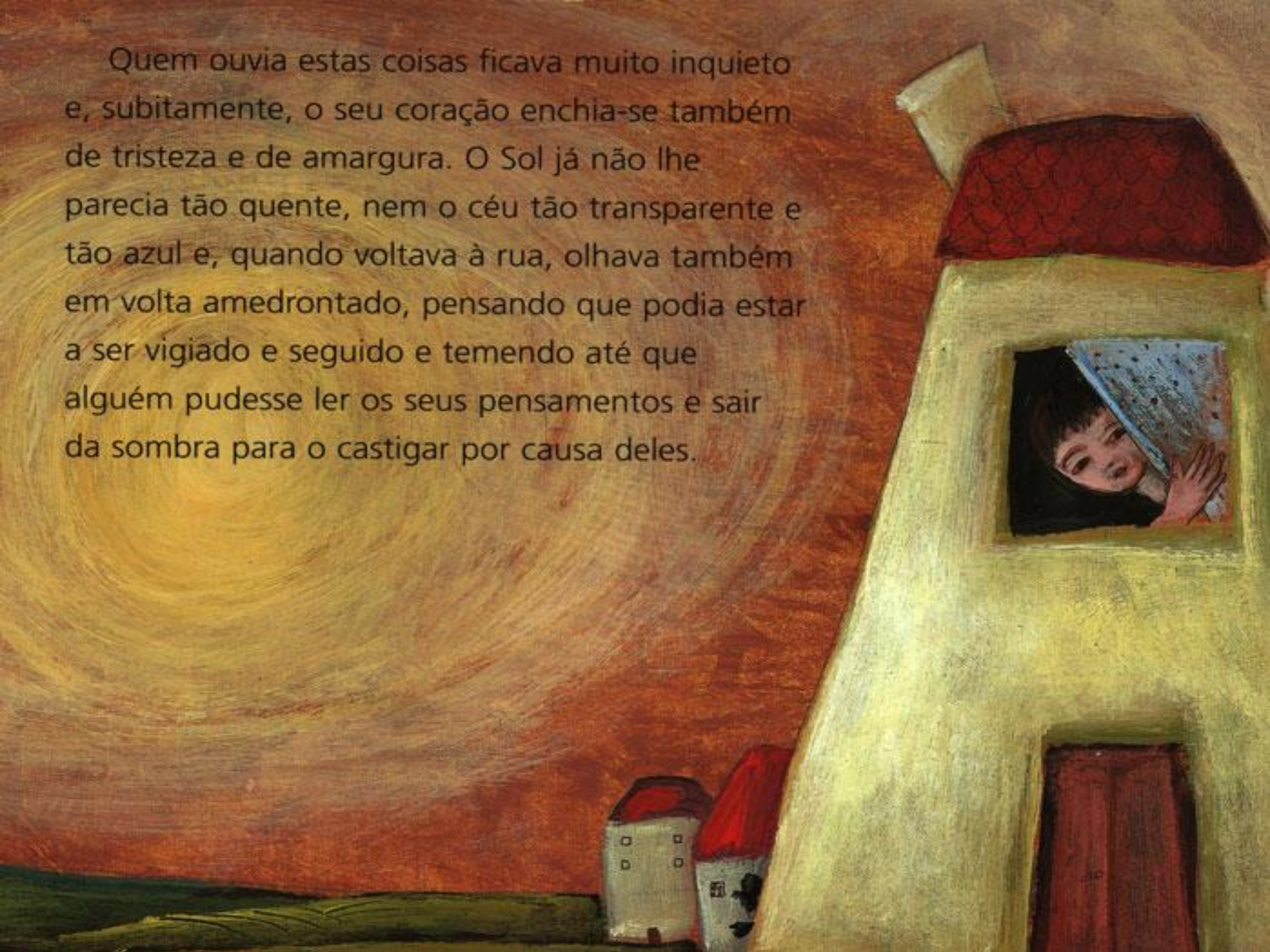
– Não podem votar? Então como escolhem os vossos governantes?

– Mas nós não escolhemos os nossos governantes...

– Então quem os escolhe?

– Ninguém sabe...

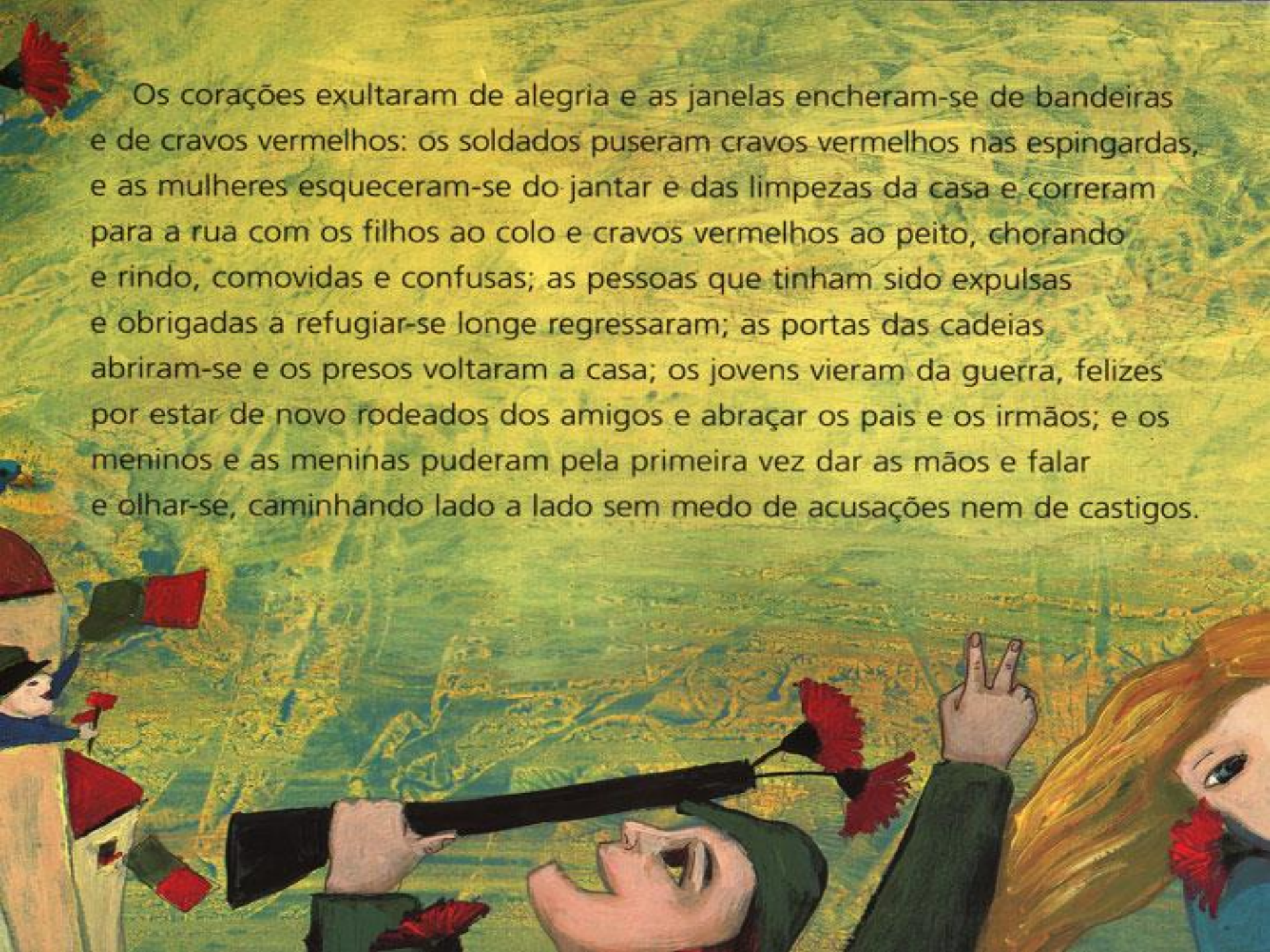
Quem ouvia estas coisas ficava muito inquieto e, subitamente, o seu coração enchia-se também de tristeza e de amargura. O Sol já não lhe parecia tão quente, nem o céu tão transparente e tão azul e, quando voltava à rua, olhava também em volta amedrontado, pensando que podia estar a ser vigiado e seguido e temendo até que alguém pudesse ler os seus pensamentos e sair da sombra para o castigar por causa deles.

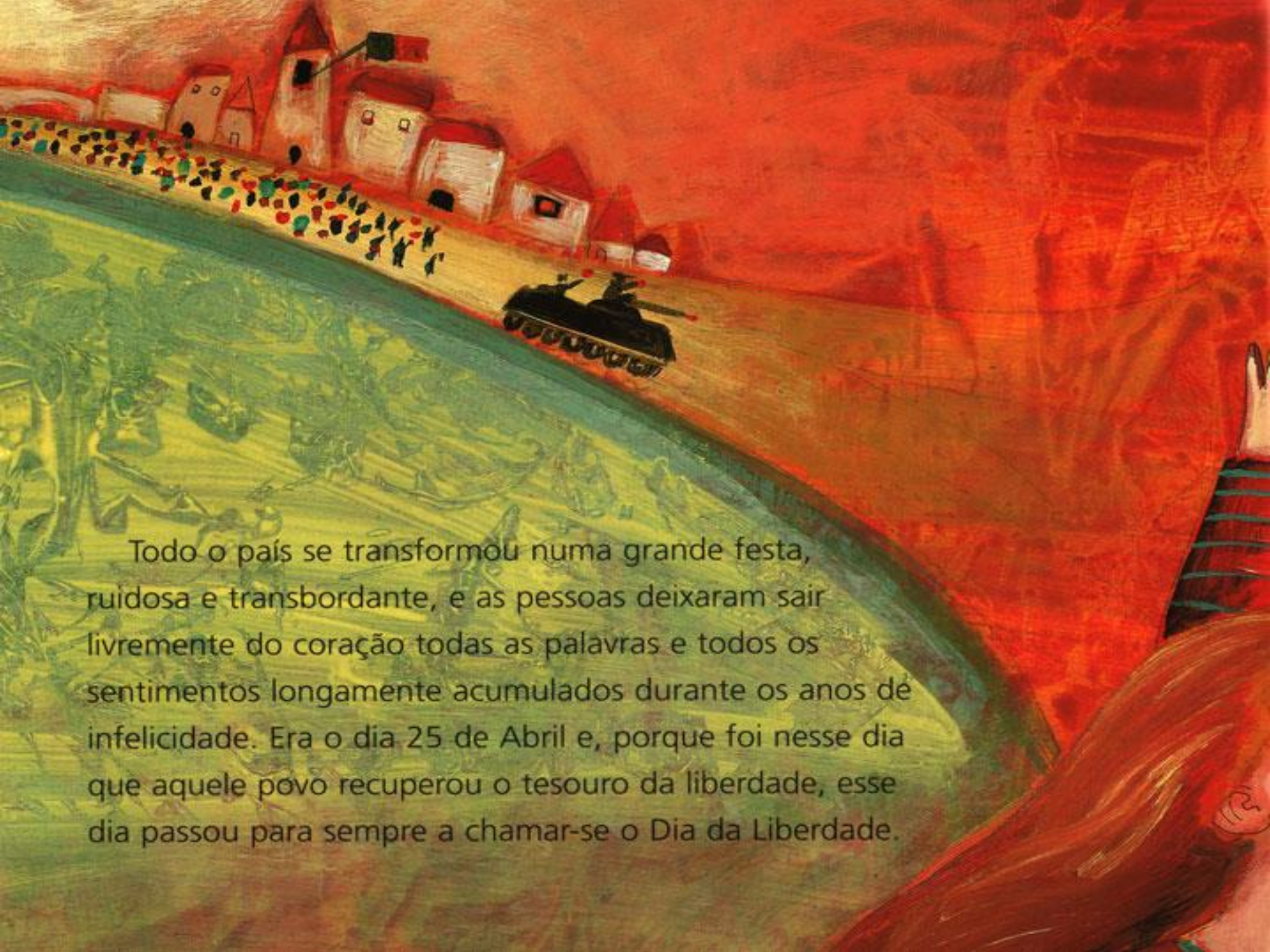


E, de regresso ao seu país, compreendia então como a sua liberdade era afinal um tesouro muito valioso e, a partir daí, passava a velar por ele como por um bem raro de que a sua felicidade e a sua própria vida dependiam, lembrando-se muitas vezes dos amigos que tinha deixado, sós e infelizes, no País das Pessoas Tristes.

Até que um dia chegou em que, no País das Pessoas Tristes, as pessoas decidiram reconquistar o seu tesouro. Os soldados reuniram-se nos quartéis e pegaram nas suas armas para arrancar finalmente o tesouro das mãos dos ladrões. E toda a gente saiu alvoroçadamente para a rua e acompanhou os soldados, cantando e gritando: "Viva a liberdade! Viva a liberdade!".

Os corações exultaram de alegria e as janelas encheram-se de bandeiras e de cravos vermelhos: os soldados puseram cravos vermelhos nas espingardas, e as mulheres esqueceram-se do jantar e das limpezas da casa e correram para a rua com os filhos ao colo e cravos vermelhos ao peito, chorando e rindo, comovidas e confusas; as pessoas que tinham sido expulsas e obrigadas a refugiar-se longe regressaram; as portas das cadeias abriram-se e os presos voltaram a casa; os jovens vieram da guerra, felizes por estar de novo rodeados dos amigos e abraçar os pais e os irmãos; e os meninos e as meninas puderam pela primeira vez dar as mãos e falar e olhar-se, caminhando lado a lado sem medo de acusações nem de castigos.





Todo o país se transformou numa grande festa, ruidosa e transbordante, e as pessoas deixaram sair livremente do coração todas as palavras e todos os sentimentos longamente acumulados durante os anos de infelicidade. Era o dia 25 de Abril e, porque foi nesse dia que aquele povo recuperou o tesouro da liberdade, esse dia passou para sempre a chamar-se o Dia da Liberdade.

Tudo isto aconteceu há muito tempo (ainda tu não tinhas nascido), num país muito distante.

Esse país agora já não se chama País das Pessoas Tristes, chama-se Portugal e é o teu país. E o tesouro pertence-te a ti, és tu que agora tens que cuidar dele, guardando-o muito bem no fundo do teu coração para que ninguém to roube outra vez.

Porque esta história não é uma história inventada. É uma história verdadeira, aconteceu mesmo. Pergunta aos teus pais ou avós e aos teus professores e eles contar-te-ão mais coisas sobre o País das Pessoas Tristes e sobre o Dia da Liberdade.